



© António Pedro Ferreira

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Ana Margarida Ramos

«Na minha infância, antes de saber ler, ouvi recitar e aprendi de cor um antigo poema tradicional português, chamado Nau Catrineta. Tive assim a sorte de começar pela tradição oral, a sorte de conhecer o poema antes de conhecer a literatura. Eu era de facto tão nova que nem sabia que os poemas eram escritos por pessoas, mas julgava que eram consubstanciais ao universo, que eram a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio.»

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Arte Poética V*

Sophia de Mello Breyner Andresen é justamente considerada uma das figuras maiores da literatura portuguesa contemporânea, com particular incidência na segunda metade do século XX. A sua obra, repartida pela prosa, poesia e ensaio (com uma incursão no género dramático através de *O Bojador*¹) tem como destinatários preferenciais tanto o público infantil como o adulto. Com obra diversas vezes premiada, algumas vezes internacionalmente, a sua produção de potencial recepção infanto-juvenil, reeditada em edições sucessivas ao longo de décadas, é muitas vezes esquecida nas Histórias da Literatura e nos ensaios sobre a autora, acabando relegada para segundo plano e analisada em breves e insuficientes linhas.

A reflexão sobre a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, galardoada, entre outros, com o Prémio Camões em 1999 e com o Prémio Rainha Sofia de Poesia Iberoamericana em 2004, é unânime em sublinhar, desde o seu primeiro livro – *Poesia* (1944), a depuração do universo poético da autora e a sua associação a um conjunto muito pessoal de linhas ideotemáticas que percorrem a sua poesia e que identificam uma singular personalidade poética e humana, simultaneamente resistente e interventiva, a par de um estilo contido e rigoroso a que sempre se manterá fiel.

Os seus volumes destinados ao público infanto-juvenil, cuja publicação se iniciou em 1956 com *O Rapaz de Bronze* (seguindo-se-lhe *A Menina do Mar* e *A Fada Oriana* em 1958; *A Noite de Natal* (1960); *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964); *A Floresta* (1968); *O Tesouro* (1978) e *A Árvore* (1985)), influenciaram de forma visível a produção literária posterior e marcaram várias gerações de leitores, tornando-se referência obrigatória nos programas escolares de diferentes níveis de ensino.

Combinando fantasia e intervenção social, maravilhoso e recriação histórica, com um lirismo muito particular que resulta de uma contemplação atenta e delicada da natureza na qual os sentidos se revelam especialmente apurados, os *Contos* de Sophia de Mello Breyner Andresen fazem dela uma das autoras de referência do panorama literário português para a infância.

Os heróis dos seus contos e os sujeitos poéticos dos seus poemas ilustram os principais motes da poética de Sophia de Mello Breyner Andresen: a demanda da Perfeição e Pureza originais e também da Justiça e da Verdade como valores absolutos e universais. Nessa busca, a Poesia é bordão e amparo, mas também espada.

¹ Confrontar com ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1998). *O Bojador*. 2ª ed., Lisboa: Editorial Caminho (ilustrações de Henrique Cayatte) (1ª ed.: 1961).

Os seus textos narrativos de potencial recepção infantil caracterizam-se por serem protagonizados preferencialmente por personagens infantis capazes de encarnarem uma áurea de perfeição e de originalidade que as liga umbilicalmente à Natureza, mas também ao Bem e à Arte. Os heróis dos seus contos e os sujeitos poéticos dos seus poemas ilustram, pois, alguns dos principais motes que norteiam a poética de Sophia de Mello Breyner Andresen (e que ultrapassam, obviamente, a própria literatura) e que têm a ver com a demanda da Perfeição e Pureza originais, edénicas, e também da Justiça e da Verdade como valores absolutos e universais, ocupando, nessa busca, a Poesia (em sentido lato) o papel de bordão e de amparo, mas também de espada que acompanhará aquele que a ousar empreender.

Várias foram as adaptações de que os contos infanto-juvenis desta autora foram alvo, para o teatro e para a ópera, constituindo uma referência para uma larga franja de público de todas as idades.

Em *Contos Exemplares* (1962), Sophia de Mello Breyner compila um conjunto de narrativas de forte pendor alegórico e ético, onde se revêem algumas das suas principais preocupações. Este imaginário é parcialmente recuperado em *Histórias da Terra e do Mar* (1984), onde revisita afectiva e literariamente, alguns lugares particularmente significativos do seu percurso.

Nascida no Porto em 1919 e desaparecida em 2004, esta autora fez estudos universitários na área da Filologia clássica que não chegou a concluir. Iniciou a sua actividade poética nas páginas dos *Cadernos de Poesia* e colaborou com outras revistas literárias, como *Távola Redonda* e *Árvore*. O seu percurso foi marcado por uma intensa actividade cívica e política, que culminou com a sua acção como deputada da Assembleia Constituinte, após a Revolução de 1974. A sua obra, marcadamente original, não ignora esta dimensão que se encontra retratada em muitos textos de denúncia social e política e de resistência na luta contra o fascismo. As referências clássicas que caracterizam as suas composições poéticas e as suas narrativas articulam-se de forma ágil e inovadora com uma dimensão profundamente humanista, às vezes de cunho cristianista, sem esquecer a realidade e o contexto em que vive. Aversa a entrevistas e a mediatismos, Sophia de Mello Breyner ficou conhecida pela sua verticalidade ideológica e poética. De entre as suas obras de poesia, destacam-se os títulos seguintes: *Dia do Mar* (1947), *Coral* (1950), *No Tempo Dividido* (1954), *Mar Novo* (1958), *Livro Sexto* (1962) – que alguns estudiosos da sua obra consideram o seu melhor livro, *Geografia* (1967), *Dual* (1972), *Navegações* (1983) e *Ilhas* (1989).